

AS VERSÕES DE SENTIDO COMO FERRAMENTAS NO PROCESSO DE APRENDIZADO EM PSICOLOGIA

AMANDA HARTWIG DE HARTWIG¹; GIOVANA FAGUNDES LUCZINSKI²

¹*Universidade Federal de Pelotas – amanda.hartwig18@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – giovana.luczinski@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa abordar a experiência e os aprendizados da aluna autora enquanto monitora bolsista da cadeira de Teorias Humanistas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas. Ofertada no 4º semestre da grade curricular, a disciplina tem sido ministrada pela Professora Doutora Giovana Fagundes Luczinski. Dessa forma, este trabalho se direciona ao Eixo 4 (Monitorias) do VIII Congresso de Ensino de Graduação.

Durante o ano de 2021, que ainda ocorria de forma virtual, uma das formas de engajar os alunos no processo de aprendizado foi a sugestão de criação de Versões de Sentido, ferramenta desenvolvida pelo psicólogo Mauro AMATUZZI (2001). Semanalmente os alunos deveriam relatar suas vivências a partir das aulas e/ou referências bibliográficas disponibilizadas pela professora, postando suas escritas no ambiente virtual da disciplina. Este trabalho tem como objetivo explorar a potência das Versões de Sentido como ferramenta pedagógica, fazendo uma conexão entre a Psicologia e a Educação.

Como fundamentação teórica deste trabalho, os principais autores serão o já citado Mauro AMATUZZI (2001), professor e escritor brasileiro, reconhecido na área da Psicologia Humanista, e a teórica bell HOOKS (2017), notável escritora e professora estadunidense, mulher negra, ativista e especialista na área da educação.

2. METODOLOGIA

A aluna monitora contribuiu de forma ativa no percurso da disciplina, servindo como uma ponte entre a professora e os alunos. Monitorar o ambiente virtual e participar das aulas síncronas foram atividades básicas realizadas, no entanto uma tarefa específica despertou o interesse e os afetos da aluna. A professora sugeriu que os alunos adotassem a prática das Versões de Sentido, ferramenta criada pelo autor Mauro AMATUZZI (2001) para relatarem suas experiências, memórias, dúvidas e/ou sensações após as aulas e o contato com os conteúdos bibliográficos da disciplina.

A Versão de Sentido é um instrumento desenvolvido por AMATUZZI (2001), usada em suas supervisões acadêmicas e atendimentos, onde temos um narrador (a pessoa que escreve a Versão de Sentido) e uma situação, que pode ser, no contexto da Psicologia, uma sessão, uma supervisão, uma aula, uma conversa, etc. A partir do que se experiencia na situação, o narrador deve escrever o que considera essencial diante daquele momento, relatando como se sente, de forma livre e sem racionalizar excessivamente sobre o ocorrido. Assim, a Versão de Sentido é uma ferramenta que busca explicitar o sentido dos encontros para cada pessoa através de suas próprias experiências, memórias, sensações, etc (AMATUZZI, 2001).

Dessa forma, os alunos escreviam no ambiente virtual, de forma privada - de modo que só a professora e a monitora fossem autorizadas a ver. Este cuidado possibilitou que estivessem livres para partilhar sobre o que sentissem à vontade, de acordo com o tema de cada aula. Esse movimento fez com que, semanalmente,



professora e monitora tivessem acesso às escritas dos alunos e acompanhasssem de forma mais atenta seu percurso pela disciplina.

Assim, aconteceu uma espécie de correspondência: os alunos escreviam, a monitora e a professora liam e respondiam, e os alunos poderiam responder de volta se quisessem.

Ao final da disciplina, a professora sugeriu que os alunos visitassem novamente suas Versões de Sentido e realizassem uma “Versão Final”, avaliando como foi o trajeto durante a disciplina. Os resultados foram extremamente positivos: vários alunos se mostraram satisfeitos com a disciplina e com o método proposto, trazendo relatos sobre acolhimento, ampliação do aprendizado, validação e atenção das duas partes - professora e monitora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de construção das Versões de Sentido começou de forma confusa para muitos, afinal o ambiente acadêmico muitas vezes é deveras objetivo, causando dificuldade em atividades mais livres, criativas e subjetivas. Porém, com o passar do tempo observou-se que alguns alunos compreenderam melhor as possibilidades de versar, trouxeram comentários pessoais e implicados no processo de aprendizagem, onde foi possível perceber o estabelecimento de um vínculo afetivo.

A experiência da monitoria foi uma das mais ricas que a aluna já vivenciou até então em sua formação acadêmica. Primeiramente, por estar em contato novamente com conteúdos, conceitos e teorias já estudados previamente, foi possível aprofundar-se nestes estudos sem a pressão de realizar avaliações e a preocupação com as notas. O estudo dos materiais, a fim de ajudar na compreensão dos alunos, surgiu de forma espontânea pela preocupação da monitora em ser prestativa. Assim, a vontade de estudar novamente os conteúdos serviu como uma renovação dos aprendizados antigos, vendo através de novas perspectivas: tanto pelo momento ser diferente, quanto pelas pessoas envolvidas no processo - aprende-se muito com as contribuições ativas dos alunos, pois cada pessoa significa o mundo a sua maneira, trazendo pontos de vista diferentes.

Em segundo lugar, a aluna aprendeu o valor que existe em uma conexão quando se dá espaço para as pessoas serem quem elas são sem julgamentos ou dicotomias de “certo” e “errado”. Os feedbacks positivos dos alunos só aconteceram por uma postura de validação da experiência e dos conhecimentos dos alunos expressados em suas Versões de Sentido.

Dessa forma, a vontade de ouvir e ler os comentários dos alunos, acompanhar sua trajetória na disciplina e validar o que eles trouxeram vai ao encontro da perspectiva da escritora bell HOOKS (2017) no que se refere à construção de uma sala de aula entusiasmante, ainda que de forma remota. Nessa troca de experiências e perspectivas, os alunos se sentem valorizados, ouvidos, contribuindo para a construção democrática do conhecimento, onde além de aprender, também ensinam uns aos outros (HOOKS, 2017).

A perspectiva de bell HOOKS (2017) procura tirar o professor do lugar do “ser onisciente” que contém todo o conhecimento, buscando aproximar os alunos como participantes ativos da disciplina. Assim, nas Versões de Sentido, muitas vezes os estudantes trouxeram diversas conexões com outros conteúdos - outros autores e teorias, músicas, filmes, literatura e até mesmo áreas do conhecimento que parecem ter pouco a ver com a Psicologia, como a Física, por exemplo.

Por essa disciplina ter uma proposta de leitura de textos filosóficos, citando alguns autores renomados como Kierkegaard, Husserl, Sartre e Fanon, as dificuldades dos alunos de entrarem em contato com esses conceitos foram costuradas com o que eles mesmos poderiam identificar em suas próprias experiências e fazer conexões e pontes de forma didática. Nesse sentido, bell HOOKS (2017) comenta sobre a importância da experiência na formação:

As estratégias pedagógicas podem determinar a medida com que todos os alunos aprendem a se envolver de modo mais pleno com ideias e questões que parecem não ter relação direta com sua experiência. (HOOKS, 2017, p. 117)

Ainda de acordo com HOOKS (2017), percebe-se a facilidade e o prazer que os alunos desenvolvem em falar e escrever sobre algo com que eles se identifiquem e/ou dominem. Como a ferramenta da Versão de Sentido parte da experiência do sujeito, não existindo experiência certa ou errada, todo relato era válido desde que trouxesse a implicação do aluno com o tema - não importando, por exemplo, se este não se sentisse conectado com o conteúdo: aí estava uma possibilidade de reflexão, que vários alunos fizeram. As dúvidas também surgiram de forma quase caótica, havendo perguntas extremamente complicadas dignas de debates existenciais, como por exemplo “porquê procurarmos o sentido das coisas?”.

Todas as posturas adotadas pela professora e pela monitora resultaram numa conexão afetiva entre os alunos e as aulas, pois se sentiram ouvidos, acolhidos e validados - em sua grande maioria, relatando no exercício final da disciplina.

Uma aula muito impactante foi a que se falou sobre o conceito de angústia do filósofo Søren KIERKEGAARD (2017), onde uma aluna fez um poema falando sobre a angústia que a própria sentia, num movimento muito pessoal e delicado. Esta aula reverberou de uma forma extremamente potente, afinal a angústia faz parte da experiência humana como um todo (KIERKEGAARD, 2017).

Nesse sentido, recorremos novamente à bell HOOKS (2017) quando afirma que a teoria pode ser um local de cura. A autora fala sobre a teoria ser importante para entendermos nosso mundo interno e externo, de forma que teoria e prática acabam se misturando. Na Psicologia vemos esse movimento, afinal estudamos sobre o ser humano e suas particularidades, sendo todos humanos. Dessa forma,

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas - um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. (HOOKS, 2017, p. 85 - 86)

Todo esse momento de estar em contato com os alunos e com a professora foi profundamente significativo na experiência da monitora, pois essa posição encontra-se no meio do caminho: é necessário prestar atenção nas necessidades e dificuldades dos alunos, bem como colaborar com a organização dos conteúdos e com o processo de aprendizado juntamente à professora. A aluna aprendeu sobre as dificuldades e questões com as quais a professora se deparou, como que textos e materiais seriam mais proveitosos e didáticos, quais datas seriam mais adequadas para os trabalhos, bem como avaliar demandas dos alunos de forma justa. Ao mesmo tempo, estudou juntamente com os alunos, relembrando os conteúdos que já havia explorado anteriormente, porém de forma mais intensa e específica para que pudesse ajudar nas dúvidas dos alunos.



4. CONCLUSÕES

A partir dessa experiência de monitoria, ao acompanhar a trajetória dos alunos, notou-se que a Versão de Sentido é uma ferramenta extremamente potente e eficaz quando se trata de: acessar as experiências de si em contato com o outro; conhecer um pouco mais sobre os alunos e seus contextos; estreitar as relações entre teoria e prática. Dessa forma, o engajamento dos alunos no processo de aprendizagem foi constatado através de suas narrações e interlocuções entre os conteúdos didáticos e suas próprias vivências pessoais e acadêmicas.

Os relatos finais dos alunos foram, em grande parte, positivos e muito entusiasmados, mostrando que a metodologia adotada foi bem sucedida, deixando uma marca significativa no seu processo de formação.

Consideramos que a Versão de Sentido, já sido usada no âmbito da clínica psicológica, também funciona no contexto educacional quando utilizada de forma implicada, trazendo um método inovador e que conversa com uma abordagem mais atual e democrática do processo de aprendizado, conectando os atores participantes do sistema (alunos, professora, monitora). Pensa-se em continuar pesquisando sobre a importância da relação no contexto educacional, para isso recorrendo ao escritor Martin BUBER (2001), conhecido pela sua teoria do Eu-Tu e Eu-Isso.

Além destas considerações, cabe aqui também explicitar que o mais significativo para a monitora foi ver o quanto essa escuta e a liberdade de deixar que os alunos se expressassem como quisessem fez a diferença na trajetória de cada um. Existiu um encontro, uma conexão muito bonita e potente através dessa ferramenta e da forma como ela foi entendida pela professora e pela monitora. Os relatos dos alunos seguidamente deixaram a aluna emocionada, com a sensação de estar sendo importante na formação dos outros alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, Mauro M. Versão de Sentido. In: AMATUZZI, Mauro M. **Por uma Psicologia Humana**. Campinas: Editora Alínea, 2001. Cap 6, p. 75 - 89.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001. 8 ed.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: A educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017. 2 ed.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Vozes de Bolso)